



## A TRADUÇÃO COMO RECURSO PARA O ENSINO DA DIVERSIDADE DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

### *TRANSLATION AS A RESOURCE FOR THE TEACHING OF DIVERSITY IN FOREIGN LANGUAGE*

Valdecy de Oliveira Pontes<sup>1</sup>  
Denísia Kênia Feliciano Duarte<sup>2</sup>

**RESUMO:** Muitos foram os papéis da tradução no ensino de língua estrangeira. Essa chegou a ser tanto um instrumento metodológico fundamental, constituindo o núcleo da Abordagem de Gramática e Tradução, como, também, já foi, definitivamente, criticada e excluída da sala de aula, do ponto de vista prático e/ou teórico. Com a abordagem comunicativa no ensino de línguas, o estudo das variedades é muito importante para o aprendiz, e, considerando a necessidade de compreender e interpretar os sentidos de uma palavra dentro de um contexto sociocultural específico ao traduzir, é de suma importância a retomada da variação sociolinguística no texto que será traduzido. Deste modo, o nosso objetivo é mostrar, por meio de uma análise reflexiva, que a tradução pode ser um recurso pedagógico para o ensino da diversidade em língua estrangeira. Para nortear este estudo, basear-nos-emos nos pressupostos teóricos da tradução desde a época de Cícero e San Jerónimo até os tempos atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução; Variação Linguística; Ensino de Língua Estrangeira.

**ABSTRACT:** Translation has played many roles in foreign language teaching. It has been, on the one hand, considered a fundamental methodological tool, constituting the core of the grammar-translation approach, and, on the other hand, heavily criticized and excluded from the classroom, whether from the practical or the theoretical point of view. With the communicative approach to language teaching, the study of language varieties has become very important to the learner, and considering the need to understand and interpret the meaning of a word within a specific socio-cultural context during the translation process, it is of paramount importance to acknowledge sociolinguistic variations in the text to be translated. Thus, our goal is to show, through a reflective analysis, that translation can be an educational resource for the teaching of linguistic diversity in foreign language. This study is based on theoretical assumptions on translation dating from the time of Cicero and Saint Jerome to the present times.

**KEYWORDS:** Translation; Linguistic Variation; Foreign Language Teaching.

---

<sup>1</sup> Professor doutor em Linguística (UFC) e com Pós-Doutorado em Estudos da Tradução (UFSC). Atualmente, é Professor Adjunto na graduação em Letras-Espanhol e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: valdecy.pontes@ufc.br

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciada em Letras-Espanhol e suas Literaturas pela UFC. Atualmente, é bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

## INTRODUÇÃO

A tradução está presente em nossas vidas há milênios e, no decorrer da história, registram-se papéis diferentes no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras<sup>3</sup>. Entre as principais fases do seu uso, segundo Santoro (2011), destacam-se: (1) a abordagem<sup>4</sup> da gramática e da tradução, que estava ligada ao ensino das línguas clássicas ocidentais, e, posteriormente, ao das línguas modernas, no qual o ensino da língua estrangeira resumia-se às estruturas gramaticais, ao léxico e aos exercícios de classificação, sendo a tradução o principal meio de ensino. Essa abordagem possibilitava ao aluno a leitura de textos literários e privilegiava a língua escrita; (2) a abordagem direta, que, distinta da abordagem anterior, excluía totalmente a língua materna e a tradução do ensino de língua estrangeira. Essa foi base para outras abordagens da época, como, por exemplo, a audiolingual, que, por sua vez, também, tinha convicções behavioristas, no entanto, diferenciava-se por incluir a tradução, por meio do contraste da língua materna com a língua estrangeira; e (3) a abordagem comunicativa que se efetivou devido à visão assumida, pelos professores de língua estrangeira, em aplicar cada vez menos o uso da tradução, da literatura e de explicações da gramática em suas aulas, pois, para eles, os alunos devem ter contato com situações de uso real da língua para aprendê-la.

Como alguns estudiosos, entre eles, Lucindo (2006), Malmkjaer (1998) e Santoro (2011), também, acreditamos que é inadequado descartar o uso da tradução nas aulas de língua estrangeira (doravante LE), por pensar que ele não tenha caráter comunicativo. Conforme Hurtado Albir (1988), tanto a tradução como o ensino de LE visam à comunicação, sendo assim, a tradução não se limita a um processo de transferências de palavras, pois no processo tradutório essa reexpressa seu sentido dentro de um contexto comunicativo, sentido este, produzido por meio da confluência de elementos linguísticos e extralinguísticos.

Consideraremos, com base no estudo de Agra (2007), a tradução, não como uma atividade mecânica que se reduz à transcodificação linguística, visto que se faz necessário

---

<sup>3</sup> Usa-se, aqui, a expressão “língua estrangeira” (LE) como um termo guarda-chuva, ou seja, sempre que se estiver falando de línguas que não são nativas, abarcando assim, também, a noção de segunda língua (L2).

<sup>4</sup> De acordo com Richard & Rodgers (1986), abordagem refere-se às teorias sobre a natureza da língua e do aprendizado da língua que servem de fonte para as práticas e princípios no ensino de idiomas. Nesse sentido, abordagem é o termo mais abrangente e engloba os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem. Por outro lado, o método é definido por Harmer (2001, p. 78) como o que —nos permite colocar a abordagem na prática [...]. Métodos incluem vários procedimentos e técnicas como parte de seu corpo padrão.



compreender e interpretar os sentidos de uma palavra dentro de um contexto sociocultural específico. A autora pontua, ainda, que, para o tradutor, a variação é importante e decisiva no processo de tradução. Para Sneell-Hornby (1988, 1995), é necessário que exista um aspecto sociocultural na tradução. Nesse sentido, Lefevere (1992) destaca o papel decisivo da variedade linguística para a tradução de uma situação específica nas diferentes culturas. E Venuti (1998) dá ênfase aos valores políticos e culturais que firmam a investigação e a prática metodológica, e reconhece, de forma clara, a importância da retomada da variação sociolinguística no texto que será traduzido.

Vale ressaltar que não temos a pretensão de defender uma perspectiva de ensino de língua estrangeira associada apenas ao uso da tradução, porém, assim como Malmkjaer (1998), defendemos que a tradução pode ser utilizada como recurso didático no ensino dessa. Corroborando, também, a ideia da Branco (2009), ponderamos que a tradução deve ser vista como uma atividade facilitadora, no ensino de LE, de influência e confluência para que o aluno veja que muitas vezes as línguas não têm simetria total. Desse modo, o professor, ao conduzir o aluno a confrontar duas línguas, por meio da tradução, possibilita uma reflexão sobre o funcionamento de ambas.

## TRADUÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Quando se trata de tradução, é pertinente ressaltar como essa é vista por alguns estudiosos. Para Pegenaute (1996), a tradução é vista como uma atividade comunicativa, e que, portanto, possibilita um leque de usos, tal como possibilidades didáticas, podendo ser utilizada para ajudar na aprendizagem de uma língua estrangeira, como também de uma língua materna, como por exemplo, no aperfeiçoamento da leitura e na formação intelectual do aprendiz. Tanto para Hurtado Albir (1988), como para Lucindo (2006, p. 3), a tradução é “mais que um processo tradutório de transferência de palavras”. Para essas autoras, a tradução é como um “processo de reexpressão do sentido que as palavras e frases adquirem no contexto”. A partir dessas visões da tradução, defendemos o uso da tradução contextualizada dentro do ensino de línguas estrangeiras, com a qual o aluno venha a compreender o sentido do texto e não de palavras isoladas, posto que,



Uma vez que compreendido o sentido do texto original, o desverbalizamos retendo-nos ao seu sentido e esquecendo das suas palavras, buscando depois a maneira de expressá-lo na língua de chegada, de modo que o destinatário da tradução possa compreender o mesmo que o destinatário do texto original. (HURTADO ALBIR, 1988, p.43, tradução nossa)

Por meio da leitura de alguns textos clássicos, percebemos que a questão do sentido da palavra não é relatada de hoje. Cícero<sup>5</sup> já dizia que o que importava não era a palavra por si, porém a força que essa exercia. Corroborando tal visão, para Quintiliano<sup>6</sup>, ao passar um texto de uma língua para outra poderia faltar palavra, mas não sentido. Então, tendo em conta todas as questões consideradas para as escolhas tradutórias (cultura, história, etc), ao sermos a favor do uso da tradução no ensino, não temos por finalidade a tradução como um produto final, e sim como um processo tradutório, considerando o contexto pragmático-discursivo do texto a ser traduzido. Como Martins (1992), destacamos que, ao conceber a tradução apenas como um produto, privamos o indivíduo de conhecer os caminhos que levaram ao tradutor a aquele resultado final. Para isto, a autora afirma que, “se o texto for tratado meramente como uma entidade autônoma, ao invés de uma série de procedimentos decisórios e uma situação de comunicação entre falantes, dificilmente se conseguirá entender a natureza do ato tradutório” (MARTINS, 1992, p. 52).

Ainda no tocante à tradução como processo e não como produto final, San Jerónimo já tecia reflexões sobre essa questão. Quando esse é duramente criticado, por sua tradução, e tenta explicar o porquê de dadas decisões no momento de traduzir. Ao citar San Jerónimo, ressaltamos que esse, apesar de fundamentar suas reflexões sobre a tradução em suas práticas tradutórias, preocupava-se com muitos elementos que, a nosso ver são importantes para os estudos da tradução até hoje, entre eles: a interpretação e a consciência da importância, não só de elementos linguísticos, mas, inclusive, de elementos culturais para poder transmitir de forma adequada o sentido do texto de partida para o texto de chegada. Ou seja, ao considerar não apenas elementos linguísticos, mas, também, extralinguísticos no ato tradutório, já é possível enxergar na obra de San Jerónimo um ponto de partida no que se refere a variação e tradução, pois ao considerarmos tais elementos no momento de traduzir, estamos considerando, mesmo que de forma indireta, a diversidade das línguas.

Neste sentido, vários estudiosos destacam a relevância da variação linguística na atividade tradutória. Entre eles, elencamos Lefevere (1992) que enfatiza a prática e os estudos

---

<sup>5</sup> De Optimo Genere Oratorum.

<sup>6</sup> Marcos Fabio Quintiliano (c. 35/100 d.C.), Instituto Oratoria, 10.5.1-8.

tradutológicos consolidados pelos valores culturais e políticos e reconhece a importância da variação sociolinguística no texto a ser traduzido; e Agra (2007) que vê a tradução como uma forma de desvendar e interpretar o sentido que traz uma palavra em determinado contexto sociocultural. Ou seja, considerando tais estudos, pontuamos que desconsiderar a variação linguística no ato tradutório, seria privar o indivíduo de descobrir os sentidos das palavras dentro dos diversos contextos comunicativos existentes, conduzindo-os a acreditar que as palavras têm o mesmo sentido, independente do contexto em que estão inseridas.

Por fim, conforme Hatim e Mason (1995), para traduzir temos que fazer escolhas, e essas não são aleatórias, são motivadas e podem ser justificadas. Para os autores, essas motivações são indissociáveis do contexto sociocultural, no qual é produzido o ato tradutório. Desta forma, como Quintiliano e San Jerónimo, também, consideramos que a tradução literal, na maior parte das vezes, não pode trazer bons resultados. Como Quintiliano, defendemos que a tradução livre não pressupõe a incapacidade de se dizer o mesmo de maneira própria.

## TRADUÇÃO, VARIAÇÃO E ENSINO

A abordagem da Gramática e Tradução era ancorada, segundo Santos Gargallo (1999), em quatro princípios: 1) memorização de regras gramaticais; 2) tradução direta ou inversa; 3) memorização de lista de vocabulário temático; e 4) uso da língua materna do aluno. Com o surgimento de novas abordagens de ensino, a tradução começou a ser estigmatizada. A primeira a marginalizar o uso desta foi a Abordagem Direta, que visava o ensino da língua estrangeira por meio da língua-alvo e não da língua materna. Desta forma, a primeira língua nunca deveria ser utilizada em sala de aula.

Com o Audiolinguismo, houve um maior interesse pela forma frente ao uso da língua, limitando o trabalho do professor, muitas vezes, ao controle da produção oral dos alunos (mediado por procedimentos de imitação e repetição) e à introdução de um novo material linguístico. A tradução, nesta abordagem, tinha espaço, mesmo que, de forma superficial, limitando-se a mostrar equivalências entre a língua materna e a língua estrangeira. Como reação a esta abordagem estruturalista, surge o Nocio-funcionalismo, que conforme García (1995), dá privilégio às funções comunicativas utilizadas pelos usuários da língua em uma interação verbal.



De acordo com Santos Gargallo (1999), na Abordagem Comunicativa, o foco da aprendizagem são as funções linguísticas, pois priorizava a comunicação e o caráter funcional da língua. Logo, com a visão distorcida de que a tradução não é uma atividade comunicativa, essa continuou a ser marginalizada nas aulas de língua estrangeira por grande parte dos professores. Entretanto, com os novos estudos realizados na área de tradução, verificamos que esta vem perdendo o estereótipo de não se adequar ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse sentido, os pesquisadores apontam as contribuições do uso da tradução no ensino e, inclusive, há adeptos da abordagem comunicativa, como Atkinson (1993), Balboni (2011), Costa (1988), Ridd (2000), Romanelli (2009) e Widdowson (1991).

Ao relacionar a tradução e o ensino, consideraremos a visão de Hurtado Albir (1988), ao afirmar que traduzir vai além de um processo de transferência de palavras, ou seja, essa prática envolve diversos fatores no seu processo e no seu resultado final. Ou seja, “é o sentido produzido a partir da confluência dos elementos linguísticos e extralinguísticos (conhecimento da situação, do tema, dos códigos socioculturais, etc.), que intervêm na comunicação”. (HURTADO ALBIR, 1988, p. 43, tradução nossa)

Para Hurtado Albir (1988), o uso da tradução em sala de aula possui duas categorias que se diferenciam, denominadas de tradução interiorizada e tradução pedagógica. A primeira é aquela comum a todos os aprendizes de LE em que sua recorrência vai depender, principalmente, do nível de interlíngua do estudante. O uso desta tradução é justificado, pois, a língua materna é a principal referência do aluno no momento da criação e da falta de novos vocábulos e expressões em LE. Já, a segunda, conforme Cervo (2003), é aquela que tem como principal objetivo o uso da tradução como ferramenta didática com o intuito de averiguar ou reforçar o conhecimento do aluno.

Ainda sobre a classificação do uso da tradução, ela pode ser dividida em três categorias: a) Intralingual: interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; b) Interlingual: interpretação de signos com outra língua; e c) Intersemiótica: tradução de signos verbais através de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1958 [2000], p.114). Desta forma, consideramos que o uso da tradução não aconteça somente de uma língua para outra, ou seja, a tradução pode acontecer dentro da mesma língua, como por exemplo, por meio de paráfrase. Além disso, existe a possibilidade do uso de figuras e expressões faciais que são características da tradução intersemiótica.

Atualmente, a tradução vem ganhando espaço no ensino de língua estrangeira. Conforme Lucindo (2006), os professores acreditam que a tradução possa ajudar no ensino de



línguas; porém, muitas vezes, eles relutam em utilizá-las por não saber como fazer o uso adequado dessa estratégia. Segundo Lucindo (2006), o uso mínimo ou inadequado da tradução em salas de língua estrangeira no Brasil, deve-se à falta de material que trate, de forma adequada, do tema. De acordo com Ghamine López (2002), a tradução, mesmo com as mudanças dos métodos de ensino, não desapareceu do ensino de língua estrangeira e, tampouco, se adaptou às exigências desses. Porém, sobreviveu de forma precária, sendo utilizada, de maneira superficial e pouco reflexiva. O que explica o uso atual da tradução, em grande parte das aulas de língua estrangeira, nas quais os professores, quando propõem atividades tradutórias, não têm em mente os objetivos de tais e não sabem como e quando utilizá-las.

Para Ridd (2005), o uso da tradução, feito de forma adequada, possibilita aos alunos serem mais ativos e participantes. Conforme Hernández (1998), a tradução pedagógica não se limita ao campo profissional, essa tem como objetivo principal aperfeiçoar a língua terminal a partir da manipulação de textos, análise contrastiva e reflexão consciente. Segundo Arias e Muruais (1999, p. 302, tradução nossa), a tradução permite que o ensino “ se centre em um primeiro momento no que se pretende comunicar (...) para abordar só em segundo lugar as diferenças dos meios”.

Vale salientar, ainda, a interface tradução, variação e ensino. À vista disso, Mayoral (1998) explicita o interesse do tradutor na variação linguística relacionada ao contexto social e situacional. Pontes (2014) pontua que o uso da tradução como procedimento, sob o ponto de vista didático, é mais enriquecedor, ou seja, sendo mais adequado analisar o processo, até se conseguir uma tradução, do que o produto propriamente dito.

Estudos recentes mostram a necessidade de reabilitação da tradução em sala de aula, entre eles, destacamos as considerações de Costa (1988, p. 283) por considerar que “[...] uma concepção mais ampla, mais cultural e crítica pode colocar a tradução como um dos meios mais eficientes de se estar permanentemente atento às diferenças em relação à língua (e a cultura) estrangeira”. É importante ressaltar que não propomos que o uso da tradução por si seja suficiente para o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, mas que a atividade tradutória, se utilizada de maneira adequada, considerando os objetivos da atividade de tradução, público em que será aplicada, teoria da tradução usada para a sua elaboração, pode ser útil para a percepção e superação de dificuldades envolvidas no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Como Widdowson (1979), sugerimos que o uso da



tradução, como recurso pedagógico, enriquece a aula de língua estrangeira, visto que permite o aluno perceber que as línguas usam meios diferentes para expressar a mesma informação.

No tocante às vantagens dos exercícios de tradução, essas não são vistas de hoje, uma vez que Quintiliano (c. 35/100 d. C.), em sua época, já refletia sobre esta questão. Este afirma que traduzir do grego para o latim era considerado um exercício excelente para os oradores mais antigos e que Cícero frequentemente ressaltava a importância dessa prática. Corroboramos esta visão de Quintiliano e acrescentamos que os exercícios de tradução, também, possibilitam o conhecimento da heterogeneidade da língua e dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos dentro dela, além de ampliar o horizonte linguístico do aluno no que se refere às questões ideológicas, sociais e históricas, presentes na língua.

Ao traduzir, devem-se considerar as normas linguísticas próprias dos grupos sociais em que os sujeitos estão inseridos porque essas estão ligadas a valores culturais, portanto, apresentam características identitárias e se influenciam mutuamente. Com relação a esta questão, vários estudiosos destacam a relevância da variação linguística na atividade tradutória, entre eles, Pontes que afirma o seguinte:

No tocante ao ensino de língua estrangeira, partindo do pressuposto de que a variação linguística constitui uma realidade concreta na comunicação, caberia ao professor permitir que o aluno tivesse acesso às diferentes variedades da língua e soubesse em quais contextos sociais pode utilizar-se de cada variante, e não restringir o ensino da língua e a atividade tradutória a uma norma padrão desprovida de um contexto pragmático-discursivo. (PONTES, 2014, p.233)

Desta forma, concebemos as atividades tradutórias como possibilidade de mostrar a diversidade da língua, uma vez que, frente a estas, os alunos farão escolhas tradutórias tendo em conta vários elementos, como, por exemplo, os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, etc. Conforme Schleirmacher<sup>7</sup>, na própria língua existem dialetos, socioletos e expressão individual. De acordo com Pontes (2014, p. 224), “a função do tradutor consiste em compreender o valor estilístico e sócio histórico das variedades presentes no texto”. Por fim, é salutar ponderar que, como estudantes de língua estrangeira, esses não têm, necessariamente, como objetivo ser tradutores, mas é importante que eles sejam conscientes que a língua é viva e heterogênea, ou seja, é uma realidade social, e que estudá-la sem contemplar a sua diversidade e os seus condicionamentos, seria um estudo superficial. De

---

<sup>7</sup> *Sobre os diferentes métodos da tradução.*



acordo com Tarallo (2005, p. 6) “a cada situação de fala em que nos inserimos e participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Santoro (2011), consideramos que a comparação entre a língua materna (LM) e a língua estrangeira (LE) seja essencial quando se quer aprender aspectos relacionados à estrutura e ao uso. Neste sentido, a tradução é uma excelente ferramenta didática para possibilitar esta análise contrastiva. Logo, a influência da Língua Materna no aprendizado de Língua Estrangeira deve ser utilizada como forma de apresentarmos as particularidades da LM e da LE. Dessa forma, defendemos que a tradução, como recurso pedagógico, considerando as diferenças inerentes à língua e à cultura estrangeira, possa ser enriquecedora para o ensino de língua estrangeira, pois seu uso nesse contexto educacional, no lugar e momento oportunos, possibilita, por meio das diferenças linguísticas e culturais existentes entre as duas línguas, a conscientização dos aprendizes de que as línguas, geralmente, não possuem equivalências unívocas. Além disso, visto que uma única língua pode ser falada em vários países e regiões e possuir traços específicos em cada um deles, pontuamos que a tradução possa ser um recurso pedagógico para o ensino da diversidade linguística, já que permite o acesso a aspectos linguísticos e extralinguísticos de culturas diferentes, no uso efetivo da língua.

## REFERÊNCIAS

AGRA, A. *Integração da língua e da cultura no processo de tradução*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2007, p. 1-18. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf> >. Acesso em: 18 mar. 2015.

ARIAS, A; MURUAIS, T. El papel de la lengua madre en la enseñanza/aprendizaje de una gramática para comunicar. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ASELE, 9., 1999, Santiago de Compostela. *Actas del IX Congreso Internacional de ASELE*, Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1999.

ATKINSON, David. *Teaching Monolingual Classes*. London: Longman, 1993.

BALBONI, P. E. A tradução no ensino de línguas: história de uma difamação. *Revista Intraduções*. v.3, n.4, 2011. Disponível em:

12



<<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/1793>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

BRANCO, S. O. Teorias da tradução e o ensino de línguas estrangeiras. *Horizontes de Linguística Aplicada*. v. 8, n.2, pp. 185-199, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewFile/2941/2545>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

CERVO, Irene. Z. S. *Tradução e ensino de línguas*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CÍCERO, M. T. De Optimo Genere Oratorum. Tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n.10, p. 4-15, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/viewFile/1980-4237.2011n10p4/19983>. Acesso em: 02 jun. 2015.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In BOHN H. I, Vandresen, P. *Tópicos de Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

GARCÍA, A. *Profesor en acción*. Madrid: Edelsa, 1995.

GHANIME LOPEZ, J. *El uso de la traducción en el aula para el aprendizaje del léxico en la enseñanza del español como lengua extranjera*. Memoria Máster. Biblioteca Universidad Antonio de Nebrija, 2002.

HARMER, Jeremy. *The Practice of English Language Teaching*. Essex: Longman, 2001.

HATIM, B; MASON, I. *Teoría de la traducción*. Una aproximación al discurso (trad. Salvador Peña), Barcelona, Ariel. 1995.

HERNANDEZ, M. R. La traducción pedagógica en la clase de E/LE. In: CONGRESSO ASELE, 7., 1998, Cuenca. *Actas del VII Congreso ASELE*, Cuenca: Universidad de Castilla 1988. p. 249 -255.

HURTADO ALBIR, A. La traducción en la enseñanza comunicativa. *Revista Cable*, v. 1, Madrid: Equipo Cable, abril de 1988, p. 42-45.

LEFEVERE, A. *Translating Literature Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. Nova York: MLA, 1992.

LUCINDO, E. S. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. *Scientia Traductionis*, v. 1, p. 3, 2006. <http://www.scientiatraductionis.ufsc.br/ensino.pdf>. Acesso em: 22 fev.2015.

MARTINS. M. A. P. Processo vs. Produto: A questão do ensino da tradução. In: *Trabalhos em linguística aplicada*, v. 20, p. 49-54, 1992. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2542/4567>. Acesso em: 04. jun. 2015.



MAYORAL, Roberto. *La traducción de la variación lingüística*. Tesis doctoral. Universidad de Granada, Granada, 1998.

MALMKJAER, K. (org.). *Translation and language teaching. Language teaching and translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998.

PEGENAUTE, L. La traducción como herramienta didáctica. In: *Contextos*, n 27-28, Madrid, p. 107-126, 1996.

PONTES, V. O. A tradução da variação linguística e o ensino de língua estrangeira: da teoria à prática docente. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Tradução*, n 48, Nov. 2014.

QUINTILIANO, M. F. *Institutio Oratoria*. 10.5.1-8.

RIDD, M. D. Out of exile: a new role for translation in the teaching/learning of foreign languages. In: João Sedycias. (Org.). *Tópicos em Linguística Aplicada/ Issues in Applied Linguistics*. I ed. Brasília, DF: Oficina Editorial do IL/Editora Plano, v.1, p. 121-148, 2000.

RICHARDS, J. C., RODGERS, T. S. *Approaches and Methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

RIDD, M. D.. Tradução, consciência crítica da linguagem e relações de poder no ensino de línguas estrangeiras. In: Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica, 1., 2005, Brasília. *Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem verbal e não verbal*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

ROMANELLI, S. O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, DF, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/2942> >. Acesso em: 28 abr. 2015.

SAN JERÓNIMO, Carta LVII a Pammaquio, sobre el mejor género de traducción. Traducción de José Ignacio García Armendáriz. In: LAFARGA, F. (ed.), *El discurso sobre la traducción en la historia*. Barcelona: EUB, 1996. p. 46-71.

SANTORO, E. Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras: Confluências. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 1, n 27, p. 147-160, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p147>. Acesso em: 19 fev. 2015.

SANTOS GARGALLO, I. *Linguística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco/Libros, 1999.

SCHLEIERMACHER, F.D.E. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. In: HEIDERMAN, W. (org.), *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. 1: alemão-português. 2ª ed. Revista e ampliada. Florianópolis, 2010. p. 39-101.

SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam John Benjamins Publishing Company. Philadelphia, 1988-1995.



VENUTI, L. Strategies of translation. In: BACKER, Mona (Ed.) *Routledge Encyclopaedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 1998, p. 240-244.

WIDDOWSON, H. G. The Deep structure of discourse and the use of translation. In *The Communication Approach to Language Teaching*. BRUMFIT, C. J. And JOHNSON, K. (eds.). Oxford: Oxford University Press, 1979.

WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Tradução de José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas, 1991.

Data de recebimento: 30/08/2015

Data de aprovação: 20/05/2016